



CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM

ALCIONE DE ANDRADE OLIVEIRA

DESAFIOS DO ENFERMEIRO NO ATENDIMENTO AO PACIENTE SURDO

IRECÊ
2019

ALCIONE DE ANDRADE OLIVEIRA

DESAFIOS DO ENFERMEIRO NO ATENDIMENTO AO PACIENTE SURDO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Enfermagem da Faculdade Irecê como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem, sob a orientação da professora mestra Andreza Maia Silva Barbosa.

IRECÊ
2019

ALCIONE DE ANDRADE OLIVEIRA

DESAFIOS DO ENFERMEIRO NO ATENDIMENTO AO PACIENTE SURDO

BANCA EXAMINADORA

Andreza Maia Silva Barbosa
Mestre em Psicologia (UNIVASF)
Docente do Colegiado de Psicologia e Enfermagem da Faculdade Irecê (FAI)

Thainara Araujo Franklin
Mestre em Ciências da Saúde com área de concentração em Saúde Pública
Docente do Colegiado de Enfermagem da Faculdade Irecê (FAI)

Maria da Conceição Araújo Correia
Mestre em Educação, Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação
Diretora Acadêmica da Faculdade Irecê (FAI)

IRECÊ
2019

AGRADECIMENTOS

À Deus por manter a minha fé durante essa trajetória para que eu chegasse ao final de mais um ciclo. Aos meus pais Evanilda e Ananias pelo incentivo e por sempre me ensinarem que a conquista é muito mais prazerosa quando vem acompanhada de muito esforço e luta, lembro-me de cada palavra de ânimo a mim direcionadas.

Aos meus irmãos pela torcida diária e alegria por cada degrau alcançado. Ao meu esposo Almir, por ter me amparado tão bem durante essa caminhada, você também é responsável por todo o meu esforço até aqui, obrigada por ser colo, abrigo e família quando a minha não estava presente. Ao meu sogro e minha sogra por todo o apoio incondicional.

As minhas cunhadas por torcerem por mim e acompanharem o meu crescimento tanto pessoal como profissional. Aos laços que construí durante essa trajetória, em especial: Brenda, Edzângela, Lorrhine, Lieberth, Luís Fernando, agradeço a cada um de vocês por estarem ao meu lado tornando a caminhada mais leve como costume dizer, desejo o mundo a vocês, voem bastante alto, porque acredito na capacidade de cada um.

Aos mestres por todo o conhecimento transmitido ao longo desses cinco anos. A minha orientadora Andreza Maia, por sempre me mostrar o melhor caminho e me nortear tão bem, enfim, conseguimos. Que Deus ilumine o meu caminho para novas conquistas e realizações, eu sou só gratidão.

RESUMO

A comunicação sempre foi de extrema importância na história da humanidade, sendo por meio dela que o indivíduo consegue se expressar, utilizando tanto a linguagem verbal ou não verbal para a troca de informações. A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é a língua oficial dos surdos, utilizada para a comunicação entre eles e entre surdos e ouvintes, porém, necessitando ser reconhecida, respeitada e aprendida também pelos ouvintes, para que aconteça uma comunicação efetiva, tornando-se um instrumento de inclusão social. Na área da saúde, especialmente na enfermagem, o processo de diálogo entre paciente e profissional é essencial para a criação do vínculo, como para resolução das demandas e planejamento da assistência, de modo que se esta não ocorre, não é possível intervir diante dos problemas. Nesse sentido, o objetivo desse estudo é refletir sobre os desafios encontrados pelos enfermeiros no atendimento ao paciente surdo. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, descritiva, com abordagem qualitativa, sendo realizada a coleta nos bancos de dados do LILACS e BDENF, analisados a partir da técnica de análise de conteúdo de Bardin (2011), emergindo as seguintes categorias: “Desafios do enfermeiro no cuidado da pessoa surda”; “Desafios do surdo no acesso à saúde”; “Aspectos da comunicação do enfermeiro com o paciente surdo” e “Capacitação de profissionais de enfermagem para o atendimento ao paciente surdo”. Percebe-se que os serviços de saúde, como um todo, não estão preparados para atender aos pacientes surdos, sendo necessária a realização de mais pesquisas sobre o assunto, observando-se a importância dos profissionais se capacitarem em Libras e a necessidade de investimentos na capacitação deste atendimento. Por fim, espera-se que o surdo, em sua busca por saúde, receba além de um atendimento digno, acolhimento, relações solidárias e de confiança, de modo que esse auxílio possa contribuir com sua qualidade de vida.

Descritores: Surdez. Enfermagem. Comunicação

ABSTRACT

Communication has always been of utmost importance in the history of mankind, through which the individual can express himself, using either verbal or nonverbal language for information exchange. The Brazilian Sign Language (LIBRAS) is the official language of the deaf, used for communication between them and between deaf and hearing, but needs to be recognized, respected and also learned by the listeners, for effective communication to become effective. an instrument of social inclusion. In the health area, especially in nursing, the process of dialogue between patient and professional is essential for the creation of the bond, as for the resolution of demands and care planning, so that if this does not occur, it is not possible to intervene in the face of problems. . In this sense, the objective of this study is to reflect on the challenges encountered by nurses in the care of deaf patients. This is a bibliographical, descriptive research with a qualitative approach, being collected in the LILACS and BDENF databases, analyzed using the technique of content analysis by Bardin (2011), emerging the following categories: nurse in the care of the deaf person”; “Challenges of the deaf in access to health”; “Aspects of the nurse's communication with the deaf patient” and “Training of nursing professionals to care for the deaf patient”. It is noticed that health services as a whole are not prepared to care for deaf patients, and further research on the subject is necessary, noting the importance of professionals training in Libras and the need for investments in health care. training of this service. Finally, it is expected that the deaf, in their pursuit of health, receive in addition to a decent care, welcome, supportive and trusting relationships, so that this aid can contribute to their quality of life.

Keywords: Deafness. Nursing. Communication

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1. O que é a surdez?.....	10
2.2. Histórico da surdez	11
2.3. O surdo e a legislação brasileira	12
2.4. Inclusão social como exercício de direitos.....	14
2.5. Libras, um desafio para a enfermagem.....	15
3. METODOLOGIA.....	16
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	17
4.1. Desafios do enfermeiro no cuidado da pessoa surda	17
4.2. Desafios do surdo no acesso à saúde.....	19
4.3. Aspectos e estratégias de comunicação do enfermeiro com o paciente surdo....	21
4.4. Capacitação dos profissionais de enfermagem para o atendimento ao paciente surdo.	22
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS	

1. INTRODUÇÃO

A surdez pode ser definida como a perda parcial ou total da acuidade auditiva, unilateral ou bilateralmente acima de 41 dB (decibéis) ou mais (ARAÚJO; *et al*, 2015). No Brasil, segundo dados do último Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística no ano de 2010, cerca de 9,7 milhões de brasileiros apresentaram essa condição, levando em consideração que, dentre estes, quase 2 milhões têm elevada dificuldade para ouvir e 300.000 são definitivamente surdos. No Estado da Bahia este número foi de 765.471 (IBGE, 2010).

No Território de Irecê que é constituído por 20 Municípios, o número total de surdos (pessoas com grande ou total dificuldade de audição) é de 4.831. Assim distribuídos: América Dourada (155), Barra do Mendes (162), Barro Alto (227), Cafarnaum (131), Canarana (300), Central (193), Gentio do Ouro (073), Ibipecta (110), Ibititá (245), Ipupiara (198), Irecê (559), Itaguaçu da Bahia (259), João Dourado (257), Jussara (261), Lapão (349), Mulungu do Morro (141), Presidente Dutra (143), Uibaí (385), São Gabriel (197), Xique-Xique. (486) (CULTURA E REALIDADE, 2018).

Atrelado a isso, Francisqueti *et al*, (2017) corroboram que a comunicação se constitui como um dos pilares mais importantes e é ferramenta indispensável no cuidado em saúde diante desses pacientes, uma vez que proporciona um elo entre o paciente surdo e o profissional de saúde. Nesse contexto, são encontrados inúmeros desafios diante dessa perspectiva e a comunicação muitas vezes se torna falha por não atingir os anseios de um determinado grupo, intensificando que a qualificação dos profissionais relacionados com essa demanda é notória, visando um acolhimento e um atendimento de qualidade sem nenhum tipo de exclusão.

A comunicação sempre foi de extrema importância na história da humanidade, sendo por meio dela que o indivíduo consegue se expressar, utilizando tanto a linguagem verbal ou não verbal para a troca de informações. A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é a língua oficial dos surdos, utilizada para a comunicação entre eles e entre surdos e ouvintes, porém, necessitando ser reconhecida, respeitada e aprendida também pelos ouvintes, para que aconteça uma comunicação efetiva, tornando-se um instrumento de inclusão social.

Na área da saúde, especialmente na enfermagem, o processo de diálogo entre paciente e profissional é essencial para a criação do vínculo, como para resolução das demandas e planejamento da assistência, de modo que se esta não ocorre, não é possível intervir frente aos problemas. Diante disso, é necessário identificar quais são os desafios encontrados pelos

enfermeiros no atendimento ao paciente surdo, como também quais são as dificuldades do paciente ao realizar uma busca por atendimento.

O presente estudo tem como objetivo refletir sobre os desafios encontrados pelos enfermeiros no atendimento ao paciente surdo, tendo em vista o elevado número de surdos que utilizam a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) para se comunicar, e o fato de que a grande maioria dos profissionais da área da saúde não têm domínio desta forma de comunicação, gerando conflitos que poderiam ser sanados com o aprendizado da Libras por meio dos profissionais, de forma que facilitaria o atendimento, como também promoveria a satisfação do usuário em saber que a sua demanda foi acolhida.

Assim, a motivação para a realização desse estudo surgiu da participação em um Projeto de Inclusão chamado: “Os Filhos do Silêncio” no município de Irecê na Bahia, onde foram compartilhadas as vivências e momentos com pessoas surdas, sendo percebida a necessidade de ampliação dos conhecimentos sobre a realidade da cultura surda, buscando promover e difundir a Libras como um instrumento de inclusão social, de forma que possa contribuir para efetivação das políticas públicas já existentes em nosso país.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. O que é a surdez?

A Surdez é caracterizada pela perda da capacidade de percepção dos sons, tendo os indivíduos surdos sua audição prejudicada, podendo ser de origem congênita, passada de mãe para filho, bem como provocada por algumas doenças como o sarampo, rubéola, toxoplasmose, sífilis, citomegalovírus, uso de drogas e alcoolismo. A surdez adquirida é causada por acidentes ou outras doenças, sendo obtida geralmente por intercorrências que incidem durante o trabalho de parto (SILVA, BASSO E FERNANDES, 2014).

Contudo, Silva, Basso e Fernandes (2014) complementam que essas intercorrências incluem a prematuridade, anóxia (ausência de oxigênio no cérebro), infecções hospitalares, partos com uso de fórceps, sendo um instrumento utilizado para auxiliar na retirada do feto, meningite, sarampo, rubéola, caxumba, traumatismos e outro fator também bastante importante, que é a exposição a sons em um volume máximo durante muito tempo ao longo da vida. Para Silva, Kauchakje e Gesueli (2003), a presença de qualquer alteração auditiva na primeira infância compromete o desenvolvimento da criança, tanto nos aspectos cognitivos,

sociais, culturais e linguísticos, já que existe um tempo determinado para o aprendizado de uma língua.

Entretanto, a surdez é diferenciada por níveis, sendo que uma pessoa com audição normal consegue ouvir sons em torno de 20db (decibéis), quando a perda auditiva está entre 25db e 40db esta pode ser considerada como uma surdez leve, a moderada entre 41 e 70db, a acentuada entre 70 a 95db e a profunda acima de 95db (SILVA, 2008). Diante disso, é por meio da audição que os ouvintes percebem os sons. A falta ou falha desse sentido nas pessoas surdas interfere diretamente no convívio social, estando entre os maiores distúrbios de comunicação, prevalecendo com um índice de 60% no Brasil (BRITTO e SAMPERIZ, 2010). Nesse sentido, a língua Brasileira de Sinais é utilizada pela comunidade surda, sendo o seu primeiro meio de comunicação, tendo características únicas e cultura própria (CHAVEIRO; *et al*, 2010).

2.2. Histórico da surdez

No contexto histórico dos egípcios há referências sobre a utilização da língua de sinais por pessoas que eram surdas desde 4.000 a.C., os surdos eram vistos como seres especiais e criados pelos deuses daquela época. Entretanto, também há relatos de que havia rejeição pela maior parte das pessoas, sendo as pessoas surdas consideradas castigo dos deuses perante os filósofos, eram lançados ao mar durante festas para os deuses, vistos como seres improdutivos que tinham como destino a morte, ou até mesmo o trabalho escravo (SAGÁRIO, GOMES e BOTELHO, 2012).

Os surdos não tinham direitos comuns como às outras pessoas, como por exemplo, eram impedidos de receberem a comunhão, pela alegação de que não podiam confessar seus pecados, o casamento entre surdos somente era liberado sob permissão do Papa, entre outras proibições como votar e receber herança de seus familiares (SAGÁRIO, GOMES e BOTELHO, 2012).

No entanto, o nascimento de crianças surdas da nobreza na Idade Moderna possibilitou que a educação para os surdos tivesse um pontapé inicial. Professores se dispuseram a ensiná-los, durante o século XVI, porém não há muitos relatos, visto que, acontecia sob sigilo absoluto. Pedro Ponce de Leon, monge beneditino espanhol, foi um marco na história da educação dos surdos, criando uma escola de professores para surdos. Muitos eram os métodos utilizados, como a datilologia através de sinais feitos com as mãos, métodos visuais e a utilização de alguns sinais da região. O principal objetivo dos professores era a articulação da

fala e da escrita, de modo que se o surdo adquirisse tal artefato era possível ter direitos legais. (RIBEIRO, 2008).

Em contrapartida, na Alemanha em 1778, uma escola foi criada em Leipzig, sendo o seu representante Samuel Heinnick, onde surge a rejeição pela língua de sinais e a preferência pela oralização, com o argumento de que os sinais interferiam na fala, objetivando que os surdos se tornassem ouvintes e participassem do processo de comunicação com as pessoas através da leitura labial e da própria fala. As metodologias de ensino começaram a se confrontar e assim as de Heinnick foram sendo banidas, de forma que as já utilizadas pelas escolas de surdos tiveram mais aceitação (MORI E SANDER, 2015).

A partir do século XVIII as escolas públicas começaram a ser fundadas, como o Instituto Nacional de Surdos-mudos de Paris, sendo esta a primeira escola pública na Europa. Ainda como método de ensino, a articulação da fala era predominante, sendo mais tarde constatada que esta prejudicava o aprendizado da língua de sinais, a qual possuía uma linguagem própria e bastante rica (RIBEIRO, 2008).

Em 26 de setembro de 1857 é fundado o INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos) no Rio de Janeiro, pelo professor surdo Ernest Huet, convidado por Dom Pedro II, tendo inúmeras dificuldades para atuar na área, precisando se afastar dos trabalhos e ir para o México. Seu legado na história da educação dos surdos é bastante marcante, visto que a escola era o local de discussões a respeito do tema por professores e pelos próprios surdos. Na escola era utilizada a língua de sinais francesa que foi se misturando com a que já existia no país, originando dessa mistura a língua brasileira de sinais, a Libras, que é utilizada até hoje. O INES é a maior referência quanto ao ensino da comunidade surda no Brasil. (GESSER, 2009).

Diante disso, a educação de surdos que era enraizada no oralismo, passa a usar os sinais, havendo uma troca de saberes entre surdos e ouvintes, mais precisamente dentro de uma filosofia chamada de Comunicação Total, contemplando toda forma de comunicação possível, como a fala, os sinais, o teatro, a dança e o uso da mímica. Esta filosofia foi originada nos Estados Unidos com o intuito de aprimorar a educação dos surdos. Somente a partir de 1980 a língua de sinais passou a ser finalmente reconhecida (MORI E SANDER, 2015).

2.3. Surdo e a legislação brasileira

Atualmente existem no Brasil Confederações, Federações e Associações de Surdos espalhadas pelos estados, porém, algumas já fecharam devido à precariedade da situação

financeira. Fundada no dia 16 de maio de 1987 A Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS) e a Confederação Brasileira de Surdos (CBS), fundada em 2004, possuem uma representatividade mais ampla diante das demais, tratam-se de organizações filantrópicas, ou seja, sem fins lucrativos, desenvolvendo atividades de cunho educacional e político, lutando sempre pelos direitos das pessoas surdas no Brasil (MONTEIRO, 2006).

Inúmeros movimentos na comunidade surda foram feitos a partir de 1990, como o II Congresso Latino Americano de Bilinguismo (Língua de Sinais / Língua Oral) para Surdos, no período de 12 a 17 de setembro de 1993, no Rio de Janeiro. Em São Paulo, no dia 21 de abril de 2001, ocorreu a primeira Conferência dos Direitos e Cidadania dos Surdos, onde as propostas foram direcionadas aos direitos dos surdos como trabalho, esporte, lazer, educação, saúde e demais direitos, reconhecendo que a pessoa surda possui esses direitos e que precisa usufruí-los. No dia 26 de setembro é comemorado o Dia do Surdo e vários são os movimentos relevantes que ocorrem nesta data, principalmente nas escolas (MONTEIRO, 2006).

Com o objetivo de promover abrangência por meio de uma educação inclusiva surge A Declaração de Salamanca, documento elaborado na Conferência Mundial sobre Educação Especial em Salamanca na Espanha, ocorrida em 1994. Uma de suas determinações ressalta que todas as escolas devem se ajustar a todas as crianças, independente de suas condições físicas, sociais, linguísticas e outras, promovendo uma educação igualitária para todos, um marco que contribuiu extremamente com a educação inovadora em nosso país (BRASIL, 1994).

A luta da comunidade surda que utiliza a língua de sinais resultou na aprovação da Lei de nº 10.436, de 24 de abril de 2002, assegurando os direitos da pessoa surda e de forma positiva contribuindo para o avanço da inclusão em nosso país (CHAVEIRO, BARBOSA E PORTO, 2008). Destacam-se dois artigos:

Art. 1º- É reconhecida como meio legal de comunicação a expressão a Língua Brasileira de Sinais- Libras e outros recursos de expressão a ela associados” e, Art 3º- As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor (BRASIL, 2002, p. 23)

Vinculado a isso, o Decreto de Nº 5.626/2005 que regulamenta o atendimento do surdo nas unidades de saúde pública, que estabelecem à garantia do direito a saúde da pessoa com deficiência auditiva, institui que pelo menos 5% dos funcionários, servidores e

empregados destas unidades do serviço público devem ser capacitados para uso e interpretação da Libras (MAGRINI; *et al*, 2014).

Portanto, no que se refere ao acesso dos surdos à saúde, foi criada a Política Nacional de Saúde da Pessoa com Deficiência, sendo seu primordial objetivo promover atenção integral à saúde, desde a atenção primária, no que tange a prevenção, até a reabilitação em alta complexidade, sendo também ações determinantes do Sistema Único de Saúde (SUS), promovendo o acesso e a inclusão social, visando sempre à autonomia e a qualidade de vida desses indivíduos (OLIVEIRA; *et al*, 2009).

2.4. Inclusão social como exercício de direitos

Os movimentos sociais provocados pela sociedade civil nos anos 1990 foram se intensificando em torno das questões relacionadas às desigualdades e exclusões, entretanto, os surdos no contexto atual brasileiro ainda sofrem preconceito por parte da sociedade, por fazerem parte de grupos sociais minoritários que lutam pelo direito à diferença, no sentido de promover uma sociedade inclusiva (SILVA, KAUCHAKJE E GESUELI, 2003).

Contudo, Silva, kauchakje e Gesueli (2003) complementam que embora a formulação de leis e a implementação de políticas já alcançadas diante da luta dos movimentos sociais seja notória, ainda não é satisfatória, pois não garante sua efetividade, principalmente quando parte para a mudança de valores e atitudes individuais.

Atrelado a isso, apesar da Política Nacional de Saúde da Pessoa com Deficiência ser nomeada de tal forma, as pessoas com deficiência auditiva preferem ser chamadas de surdos. Muitos ouvintes desconhecem o peso das palavras mudo, surdo-mudo e deficiente auditivo, para estes o termo deficiente auditivo parece-lhes mais adequado, enquanto que surdo pareça demonstrar mais preconceito. É extremamente importante repensar tais termos como deficiente auditivo, mudo, surdo-mudo, tendo em vista que os mesmos têm consequências relevantes para a vida destes sujeitos. Vale ressaltar, que não é o uso acertado de um determinado termo que irá erradicar os preconceitos sociais em relação aos surdos (GESSER, 2009).

De acordo com Soares (2018, p 4)

Não se pode deixar de levar em consideração que, em detrimento da forma como a surdez foi associada à esfera patológica, criou-se um estigma que colocou os indivíduos portadores dessa condição, por vezes, em um local de subalternidade marcado pelo preconceito e pela exclusão social.

Infelizmente ainda existe um distanciamento entre esses indivíduos e o restante da sociedade, sendo criada uma barreira, de modo a rotular a pessoa surda como um ser que possui limitações. Algumas famílias privam os filhos surdos de terem contato com a língua de sinais e com a comunidade surda, intensificando o uso do oralismo, prejudicando o seu desenvolvimento e aprendizado. Ambas devem ser avaliadas, mas nunca deve haver a privação da língua natural que é a Libras. Aos surdos devem ser resguardados todos os seus direitos como cidadãos e que a sociedade permita-se inteirar desse meio, respeitando e conhecendo as diferenças (MOTA, 2014).

2.5. Libras, um desafio para a enfermagem

O acolhimento ofertado diante das demandas das pessoas que procuram os serviços de saúde promove uma relação de vínculo de extrema importância entre profissional e paciente, tendo em vista que contribui de forma direta para a resolução dos problemas. Ao acolher, o profissional demanda de uma escuta qualificada que resulte em um elo de confiança e uma assistência de qualidade. Contudo, acolher demandas de pessoas com deficiência se torna um desafio para os profissionais (TEDESCO E JUNGES, 2013).

Segundo Pagliuca, Fiúza e Rebouças (2007) se compararmos as pessoas com deficiência física, auditiva e visual, o deficiente auditivo é o que enfrenta maior dificuldade de inclusão na sociedade. São encontradas barreiras no acesso aos serviços de saúde bem como atividades de auto cuidado que beneficiem essas pessoas e que são garantidos por Lei. No entanto, a problemática em relação à comunicação ineficaz envolvendo profissionais com o indivíduo surdo ainda é uma realidade.

A assistência em saúde ao paciente surdo possui lacunas em torno da comunicação. Apesar dos empenhos para constituir parâmetros legais para o uso da Língua Brasileira de Sinais, especificamente na área da saúde, há uma falha nesse processo que negligencia o atendimento prestado por profissionais, incluindo os da enfermagem. A consulta de enfermagem é uma atividade privativa do enfermeiro com o objetivo de identificar os principais agravos dos usuários, sendo posteriormente traçado um plano de cuidados que atenda as necessidades do paciente (ARAÚJO; *et al*, 2015).

Diante disso, os problemas que surgem perante o atendimento e tratamento advém dos desafios da troca de informações entre o profissional e o paciente, o que pode ser observado no estudo de Magrini e Santos (2014, p. 556):

O fato do profissional de saúde não ter treinamento para “entender” a fala do surdo pode levar a diagnósticos incorretos, ineficiência na interação entre o paciente e o

profissional que tem como consequência o não seguimento da orientação dada. Quando o profissional fala e o paciente não entende ou quando o paciente fala e o profissional não o entende, o risco do processo não evoluir de forma adequada é muito elevado.

Independente de fazerem uso ou não da fala como forma de comunicação, esta precisa ocorrer entre pacientes com necessidades complexas e os enfermeiros, ou seja, de acordo com o paciente que busca pelos serviços, os profissionais precisam adequar sua forma de comunicação. Em vista disso, os surdos apenas querem ser incluídos na sociedade, de modo que a sua forma de expressão seja respeitada por todos, tendo seus direitos saindo do papel e realmente sendo executados, confirmando que a Libras é uma forma de comunicação eficaz e indispensável para um atendimento seguro (MAGRINI e SANTOS, 2014).

3. METODOLOGIA

O trabalho que hora se apresenta, refere-se aos desafios do enfermeiro no atendimento ao paciente surdo. Foram abordados temas relevantes sobre o assunto como a comunicação por meio da Língua Brasileira de Sinais e quais são as dificuldades encontradas pelos enfermeiros diante desse atendimento, destacando a necessidade dos profissionais de enfermagem possuírem conhecimento sobre a língua utilizada pelos surdos.

Dessa maneira, o método que foi utilizado é o dedutivo, que busca explicar a ocorrência de acontecimentos específicos, partindo de leis gerais e universais, conseguindo chegar a conclusões a partir do exercício da dedução, ou seja, se refere a um processo de análise das informações para se chegar ao resultado final (DINIZ E SILVA, 2008). Trata-se de uma pesquisa descritiva que segundo Gerhardt e Silbeira (2009), pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade.

Foi desenvolvido numa abordagem de análise qualitativa, que tem como particularidade central o aprofundamento de um determinado tema, podendo este ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, sendo analisado de forma integrada, considerando todos os pontos importantes relacionados ao tema, ou seja, a experiência vivida dos seres humanos (MINAYO, 2007).

Para embasar os estudos, o procedimento da pesquisa centra-se no contato com referências da literatura com base na pesquisa bibliográfica que, de acordo com Botelho e Cruz (2013), é a etapa inicial de um projeto de pesquisa, independente do assunto a ser abordado, com o objetivo de se fazer levantamento prévio na literatura. Complementam ainda,

que ela visa o conhecimento e análise das principais teorias relacionadas a um determinado tema e é parte imprescindível de qualquer pesquisa.

Desse modo, a busca pelos artigos foram realizadas nas bases eletrônicas Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde (LILACS), e Base de Dados de Enfermagem (BDENF) por meio das palavras-chave selecionadas segundo a classificação dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “surdez” e “enfermagem”, de publicações realizadas entre o período de 2014 a 2019. A coleta de dados foi realizada no mês de setembro a novembro de 2019.

Para a seleção dos artigos primeiramente foi realizada leitura dos resumos das publicações encontradas, com o objetivo de refinar a amostra por meio de critérios de inclusão e exclusão. Foram incluídos os artigos originais, oriundos de estudos desenvolvidos nacional e internacionalmente, escritos na língua portuguesa e inglesa, sendo excluídos aqueles com ausência de resumo nas plataformas de busca on-line, bem como os que não tinham relação direta com a temática estudada, chegando ao resultado de 11 artigos.

Após realizada a seleção, a avaliação crítica dos artigos consistiu na leitura do estudo na íntegra e, em seguida, na elaboração de fichamentos e roteiros, como instrumentos de coleta, contendo os dados acerca das informações de cada pesquisa, que eram relevantes para este estudo. Os dados coletados foram analisados com base na análise de conteúdo de Bardin (2011), agrupados em categorias, de acordo com os objetivos propostos e a organização destes em indicadores ou temas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Diante da análise e categorização dos dados, emergiram as seguintes categorias: “Desafios do enfermeiro no cuidado da pessoa surda”; “Desafios do surdo no acesso à saúde”; “Estratégias de comunicação do enfermeiro com o paciente surdo” e “Capacitação de profissionais de enfermagem para o atendimento ao paciente surdo”. Seguem-se a descrição e a discussão das bibliografias potenciais, conforme a organização das categorias temáticas

4.1. Desafios do enfermeiro no cuidado da pessoa surda

O enfermeiro é o profissional habilitado para lidar com diversas demandas de saúde no seu ambiente de trabalho, entretanto, se tratando de pessoas com surdez, esse atendimento tem se tornando um desafio, o que repercute diretamente na assistência ofertada a esse paciente, visto que, o processo de diálogo efetivo contribui para a resolutividade dos problemas

abordados. Segundo Nóbrega, Monguba e Pontes (2017) a realidade confirma a escassez de profissionais que conhecem e se comunicam através da língua de sinais e as peculiaridades da cultura surda.

Nesse sentido, Costa et al (2018) apontam em seus estudos os desafios comuns dos profissionais que vivenciam esse problema. Foram mencionados a falta de intérprete, a dependência de um familiar para o acompanhamento nas consultas e o principal desafio citado sendo o desconhecimento da Libras por parte dos profissionais.

Desse modo, Marquete, Costa e Teston (2018), retratam em suas pesquisas que embora a maioria dos profissionais desconheça a Libras, o atendimento em si é concretizado por meio do uso de mímicas ou gestos, de modo que se estabeleça uma forma de comunicação entre ambos. Com efeito, os improvisos citados foram sinalizados como um alerta, visto que, podem comprometer a assistência prestada gerando riscos, como também podem induzir os profissionais a não buscarem por capacitações, levando-os ao comodismo por sempre utilizar os mesmos métodos para a realização do atendimento.

Em relação às estratégias de comunicação, uma investigação realizada com 100 profissionais, sendo 37% enfermeiros e 63% técnicos de enfermagem, identificou que as mais utilizadas são a mímica (100%); leitura labial (94%); auxílio de acompanhante (65%); escrita (42%); e que apenas 1% referiu se comunicar por meio de Libras (ARAGÃO; *et al*, 2014).

Estes dados são alarmantes, visto que o número de surdos em nosso país é bastante alto, demonstrando que o atendimento por meio da Língua de Sinais não obtém tanto êxito mesmo com a aprovação de leis que asseguram os direitos das pessoas surdas. Outro ponto alarmante é para o número que corresponde ao auxílio de acompanhantes nas consultas, podendo configurar o ser surdo como um ser incapaz de dialogar com o profissional e conseqüentemente o colocando em uma situação de perda de identidade em relação à sua própria vida, suas particularidades e singularidades.

Os profissionais em busca de acolher os pacientes surdos optam por estratégias que estão ao seu alcance, no entanto, podemos perceber que ainda é bastante comum a cultura de introduzir uma terceira pessoa no atendimento prestado, com o intuito de transmitir o que fez o surdo buscar a unidade. Muitas vezes, o surdo se vê com sintomas, sentimentos e inquietações particulares e somente se abriria com o profissional, optando por trazer para a consulta somente o essencial por não se sentir a vontade com a presença deste indivíduo seja ele familiar ou intérprete.

Além disso, há uma preocupação por parte dos profissionais em relação ao surdo buscar o serviço sem a presença do acompanhante, evidenciando a falta de preparo para se

dirigir à pessoa surda, optando por manter um diálogo com terceiros. (MARQUETE; COSTA; TESTON, 2018). O que pode ser evidenciado no estudo de França *et al* (2016) que como meio de atender a demanda, os profissionais solicitam que os surdos retornem à unidade acompanhado de um familiar ou intérprete, sendo eles os mediadores da consulta, porém, por vezes, restringindo a autonomia do surdo e o dialogo ocorrendo apenas com o profissional e o acompanhante.

Ao tentar estabelecer uma interação com os pacientes surdos, os profissionais se vêem muitas vezes com sentimentos de frustração, impaciência e impotência por não conseguirem conduzir a consulta por meio da comunicação não verbal. (MIRANDA; SHUBERT; MACHADO, 2014). Entretanto, França *et al* (2016), enfatizam a importância para esses sentimentos que permeiam os profissionais e apontam que estes só serão minimizados com a inserção do profissional na cultura surda. Ressaltam ainda, que pensar em perda somente para o surdo, quando busca o atendimento e não é acolhido, é negligenciar as preocupações do profissional, desvalorizar seu esforço ao tentar atender as demandas do surdo, mesmo com o uso de ferramentas quer sejam elas por mímicas ou gestos e culpá-lo pela não resolubilidade dos problemas.

A maioria dos estudos trazem que as estratégias utilizadas por parte dos profissionais, em busca de auxiliar as pessoas surdas em sua queixa de saúde se apresentam como métodos diante do atendimento, muitos acreditam ser uma ótima forma de comunicação, no entanto, o componente Libras é deixado de lado, não havendo uma sensibilização para o conhecimento da língua do outro e conseqüentemente uma contribuição para o processo de inclusão.

4.2. Desafios do surdo no acesso à saúde

O processo de promoção, prevenção e educação em saúde tem se tornado cada vez menos realidade no âmbito da saúde das pessoas surdas, pelas próprias fragilidades do processo de comunicação, o atendimento prestado se perpetua como um desafio para o surdo que encontra limitações e entraves diante da sua busca por atendimento humanizado de forma que o acolha em suas necessidades de saúde por todos que compõem a equipe do serviço, desde a recepcionista até o momento da consulta.

Segundo Marquete, Costa e Teston (2018) existe uma preocupação por parte dos indivíduos surdos que procuram pelos serviços de saúde sem a presença de um acompanhante para intermediar a consulta, tendo em vista que a maioria dos profissionais não sabe se comunicar através da Libras, tornando o atendimento extremamente difícil. Em relação à

escrita, é bastante comum que os surdos tenham menos instrução que os ouvintes e fazem o uso da língua de sinais, que tem gramática e vocabulário diferentes da língua portuguesa. Além disso, muitas vezes o surdo não consegue entender o que o profissional escreve por conta do uso de termos técnicos, como também a letra ilegível.

O estudo de Aragão *et al* (2014), constatou que boa parte dos surdos buscam atendimento somente quando necessitam, demonstrando que estão buscando consultas para resolver problemas centrados no modelo curativista, evidenciando que a atenção primária não tem obtido sucesso no que tange à prevenção. Identificou ainda, que o uso do preservativo é menos utilizado pelos surdos em relação a pessoas ouvintes, bem como a realização do auto-exame das mamas e o rastreio para o câncer de mama pelas mulheres.

De fato o estudo demonstra que a atenção dos profissionais voltada para a população ouvinte não é a mesma destinada aos surdos que não buscam acompanhamento regular em suas unidades de saúde para prevenir agravos e sim estão buscando solucionar os agravos já instalados. Além do mais, programas tão relevantes da atenção primária não conseguem abordar esses pacientes, tendo em vista que a maioria dos surdos não sabe nem de sua existência, o que acaba por ser um descaso com esses pacientes, como se os surdos não necessitassem de cuidados preventivos como o restante da população.

Corroborando com estes dados, Richardson (2014) aponta em seu estudo que os surdos deixam de procurar a assistência por receio de receber atendimento ruim ou incorreto, como também pela postura dos profissionais na realização de um atendimento restrito e com a execução de procedimentos sem o consentimento dos mesmos, que concluem o atendimento muitas das vezes com dúvidas e questionamentos sobre a assistência, o que apresenta resultados negativos, sendo mal informados sobre agravos à saúde e prevenção de doenças, procurando por atendimento somente quando apresentam alguma patologia.

Com isso, as pessoas com surdez se vêem insatisfeitas com os serviços que lhes são ofertados, o que acaba por diminuir sua procura. Um estudo que objetivou identificar a percepção da mulher surda quanto aos cuidados de enfermagem durante a gestação, o parto e o puerpério, constatou que a maioria das surdas revelou ser mãe solteira, evidenciando que o planejamento familiar não tem obtido sucesso. As surdas não buscam os serviços por não terem conhecimento de sua existência ou quando buscam não recebem a assistência adequada para sua necessidade, devido o processo de comunicação ser extremamente falho (COSTA; *et al*, 2018).

Dentre as barreiras habituais encontradas, o estudo de Costa *et al* (2018) apontou para a rapidez com que os profissionais se expressam e o uso de máscaras no momento do diálogo,

o que acaba por dificultar a interação entre paciente e profissional pelo fato de alguns surdos utilizarem a leitura labial como forma de entender aquilo que é passado e necessitarem de um contato bastante visual para que o processo de comunicação flua de forma correta. Diante disso, os surdos, ao procurarem pelos serviços e encontrarem esses desafios, se deparam com sentimentos de frustração, medo e desconfiança, por não alcançarem aquilo que lhes é ofertado por lei, visualizando uma realidade bastante distante.

Em relação ao intérprete previsto na Lei nº 10.098/2000 mediador à consulta, Rodrigues e Damião (2014) evidenciam em seu estudo a preocupação dos surdos pela falta de privacidade, como também por temerem que assuntos confidenciais sejam expostos para a comunidade surda da qual o intérprete participa, deixando muitas vezes de externar sintomas ou informações cruciais para o profissional que o atende. Entretanto, é importante ressaltar, que os intérpretes possuem um Código de Ética, tendo responsabilidade pela veracidade e fidelidade das informações a ele transmitidas.

Em suma, a presença do intérprete nas consultas pode contribuir como também pode dificultar o atendimento prestado, gerando um certo constrangimento, ferindo a autonomia e a privacidade do paciente, sendo as orientações passadas para o intérprete e não para o surdo. Além disso, os intérpretes nem sempre têm conhecimento de todos os termos de saúde, o que pode tornar insuficiente a informação repassada. Ou seja, a presença do intérprete melhora, porém não contribui com a inclusão.

Ademais, Nóbrega, Monguba e Pontes (2017) corroboram em seu estudo que os pacientes saem da consulta com o sentimento de frustração por não compreenderem as orientações dadas, o seu real problema, tampouco os motivos da medicação administrada. Com efeito, os surdos enfrentam inúmeras barreiras relacionadas à comunicação que dificultam a assistência prestada, de forma que doenças que poderiam ser evitadas podem surgir e evoluir sem o tratamento adequado, o que conseqüentemente coloca esses pacientes em um alto risco.

4.3. Estratégias de comunicação do enfermeiro com o paciente surdo

A troca de informações de forma clara e efetiva é de fato um pilar essencial no processo de assistência à saúde, o paciente precisa sair da consulta com todas as suas dúvidas sanadas e seguro do atendimento a ele prestado, gerando um elo de confiança perante o profissional que o acolheu em sua demanda, não necessitando de terceiros para intervir, visto que, a presença de um familiar ou intérprete pode inibir a coleta de informações cruciais, que serão extremamente importantes para o planejamento de condutas posteriores.

Buscando colaborar na formação de profissionais e torná-los capazes de atender às necessidades básicas de pessoas com surdez, de maneira adequada, o estudo de Aragão *et al*, (2015) teve como objetivo validar o conteúdo de sinais, sintomas e doenças e agravos em saúde mais utilizados e expressos em Libras por pessoas com surdez, de modo que facilitasse a comunicação e melhorasse a prestação do cuidado. As expressões em Libras foram validadas por especialistas e descritas em figuras segundo os principais sinais e sintomas, como tosse, gripe, cefaléia (dor de cabeça), evacuações frequentes (diarreia), hipertermia (febre), êmese (vômito), entre outros.

O uso desta ferramenta se mostra relevante, visto que foi evidenciado no estudo uma grande aceitação por parte dos profissionais, bem como dos pacientes surdos, apresentando confiabilidade de uso, diminuindo as barreiras, preservando a autonomia do paciente, otimizando o tempo para a consulta, além da qualificação do serviço ofertado.

Um estudo semelhante buscou desenvolver um Ambiente Virtual (AV) em Libras, denominado de AVPASAB (Ambiente Virtual de Pronto Atendimento ao Surdo na Atenção Básica), utilizado na Atenção Básica para auxiliar os enfermeiros na consulta de enfermagem, obtendo bastante sucesso. O ambiente virtual consegue avaliar os hábitos de vida dos indivíduos surdos e determinar o grau de risco para doenças crônicas como Diabetes Mellitus (DM) e a Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS) por meio do uso de telas com perguntas simples e objetivas (RODRIGUES e DAMIÃO, 2014).

Diante das respostas no ambiente virtual o paciente é classificado com um escore indicando um possível diagnóstico nas cores vermelha (emergência), amarela (urgência), verde (prioridade não urgente) e azul (consulta de baixa complexidade), dependendo do grau de sua necessidade. Assim, podemos perceber que o uso da tecnologia em ambos os estudos pôde auxiliar os profissionais para o atendimento deste tipo de público, de forma que contribua para o acesso dos indivíduos surdos, oferecendo alternativas que obtiveram boa aceitação por parte dos usuários, como também dos profissionais, gerando uma satisfação de ambos, evitando constrangimentos e conflitos tanto para quem busca pelo serviço como para quem o oferta.

4.4. Capacitação dos profissionais de enfermagem para o atendimento ao paciente surdo.

É perceptível que os profissionais de enfermagem encontram-se ainda despreparados para receber essa demanda, mesmo que ocorra de forma esporádica. Porém, cresce o número de indivíduos surdos que desenvolvem resistência ao atendimento prestado, pela forma como

são tratados nos serviços, evidenciando que ao invés da comunicação ser uma resolutive para o processo, acaba por se tornar uma barreira, pela ausência do componente verbal.

Visto isso, Marquete, Costa e Teston (2018) trazem um questionamento para a obrigatoriedade do componente curricular Libras na formação de profissionais como professores, fonoaudiólogos, porém para os demais cursos superiores, como enfermagem, ser de caráter opcional perante a instituição.

Nessa mesma perspectiva, Sanches *et al* (2019) também abordam em sua temática a necessidade da inclusão da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) na grades curriculares das instituições de ensino, tendo em vista que, na sociedade atual, é essencial o convívio em comum com as possíveis diferenças existentes e que essa inserção poderia beneficiar tanto o paciente quanto o profissional, de forma que minimize os desconfortos durante a consulta de enfermagem.

O autor traz uma inquietação para uma sociedade inclusiva, de forma que acolha o surdo independente de sua demanda de saúde, seja ela curativa ou preventiva e solucionar essas demandas contribui para que o processo de inclusão se torne efetivo, pela contribuição de profissionais, garantindo melhorias no acesso e no bem estar das diferenças que existem em nosso meio.

Ademais, Nóbrega, Monguba e Pontes (2017), em seus estudos, relatam que há uma lacuna na formação dos estudantes da área da saúde de modo geral em relação às habilidades e competências que promoveriam a comunicação com o paciente surdo sendo, de fato, um empecilho no atendimento a essas pessoas. Complementam ainda, que deveriam ser abordados assuntos relacionados à surdez, incluindo os culturais e simbólicos, podendo colaborar para a facilitação do acesso nos serviços de saúde.

Haja visto, que a formação acadêmica dos profissionais de saúde se encontra em déficit com o processo de comunicação em Libras. Ao mesmo tempo que formam profissionais para o cuidado e atendimento humanizado de diversas contextualidades e singularidades, desconsideram a parcela do público de pessoas surdas, evidenciando o seu despreparo, desde a sua formação, quando a disciplina não lhe é imposta, sem levar em conta que o profissional precisa estar apto para qualquer eventualidade na sua atuação.

Além disso, Oyama, Terceiro e Parazzi (2017), destacam que apenas uma disciplina de Libras na formação dos profissionais não é suficiente para que o acadêmico aprenda de forma abrangente o processo de comunicação por meio da língua de sinais, porém ela contribui para que o paciente surdo não encontre uma assistência tão deficiente. Quanto aos profissionais que já atuam na área, os autores sinalizam para a necessidade da inclusão de

cursos de capacitação para os enfermeiros, com enfoque nas estratégias de comunicação para com os pacientes com surdez.

Contudo, podemos compreender que a disciplina de Libras de fato, é algo ainda inalcançado em diversos cursos, o que dificulta o seu aprendizado e sua disseminação, no entanto, ela sozinha não promoveria ou despertaria o desejo nos discentes de se aprimorarem ou buscarem novos cursos que abordassem a temática, de modo que contribuísse com sua formação profissional. O aprendizado da Língua Brasileira de Sinais torna-se mais que um importante problema de saúde pública, como também responsabilidade social e ética perante o acolhimento desses indivíduos, promovendo uma valorização do ser humano e sua inserção na sociedade (FRANÇA; *et al*, 2016).

Diversos estudos citaram a falta de capacitação profissional, desde a formação acadêmica dos profissionais de saúde, como motivo de maior dificuldade para a realização de atendimento profissional ao surdo, ficando evidente a falta de preparo para acolher o paciente com esta demanda. Uma sugestão segundo Costa (2018), seria o aprendizado da língua por parte dos profissionais como também a educação continuada em Libras, de forma que o profissional se sinta habilitado para atender um paciente surdo na sua demanda de saúde, contribuindo para o seu bem estar e sua qualidade de vida independente da sua forma de comunicação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante destes resultados, é possível perceber que a comunicação efetiva é fator indispensável para a criação do elo entre paciente e profissional, como também para a promoção da saúde. Os desafios do enfermeiro elencados perante o atendimento apontam que a falta de intérprete tem sido um entrave para as consultas ocorrerem de forma adequada, no entanto, a presença deste também promoveria um sentimento de angústia pela perda da autonomia por parte do indivíduo surdo.

Além disso, há uma preocupação por parte dos profissionais de que os surdos venham buscar pelos serviços sem a presença de um acompanhante, gerando um sentimento de insegurança, optando por manter um diálogo com um familiar ou acompanhante do surdo. O despreparo da maioria em não conhecer a Libras principal desafio citados nos estudos, pode interferir diretamente na qualidade do atendimento ou até mesmo a não realização deste.

Com o intuito de estabelecer um diálogo com o paciente surdo, o profissional por não dominar a Libras faz uso de improvisos como a mímica, os gestos, sendo sinalizado nos

estudos como um alerta, visto que, podem comprometer a assistência prestada. Entre os pontos formados, podemos perceber que há dificuldades em ambas as partes, do profissional que não consegue mediar uma consulta com o paciente surdo, por não dominar sua forma de comunicação, gerando sentimentos de frustração, impaciência e impotência e do paciente, que não busca o atendimento por receio de não ser compreendido.

Nesse contexto, o estudo torna-se relevante, pois refletir sobre os desafios encontrados pelos enfermeiros no atendimento ao paciente surdo pode despertar para a necessidade de um atendimento adequado e qualificado para esse público, de modo que os serviços estejam de acordo com a sua demanda, objetivando um melhor preparo e uma melhor assistência, bem como para que as políticas públicas sejam revistas, no sentido de promover a inclusão dessa parcela da população.

Em suma, é necessário, que os enfermeiros busquem novos conhecimentos acerca da temática levantada, compreendam a sua relevância, aprendam e estejam preparados para atender o seu público, garantindo a resolutividade das demandas por meio de um atendimento humanizado, de forma que não interfira na qualidade da assistência, abordando os surdos por meio do uso da Língua Brasileira de Sinais quando estes a utilizarem, de modo que contribuam para o processo de inclusão em nosso país.

Dessa maneira, tornam-se indispensáveis ações de investimento por parte dos gestores dos serviços de saúde, não somente para os enfermeiros, mas para todos os profissionais envolvidos na equipe multiprofissional com o objetivo de promover assistência integral ao indivíduo. Cabe também às instituições formadoras introduzir a disciplina de Libras nos cursos de graduação de enfermagem de forma mais aprofundada, de modo que o acadêmico conheça a realidade da cultura surda e o seu currículo contemple todas as particularidades dos seres humanos que fazem uso de uma outra língua, assim, assegurando seus direitos.

Nessa perspectiva, percebe-se que os serviços de saúde como um todo não estão preparados para atender aos pacientes surdos, sendo necessária a realização de mais pesquisas sobre o assunto ressaltando a importância dos profissionais se capacitarem em Libras e de investimentos na qualificação deste atendimento, com o objetivo de gerar a satisfação de todos. Por fim, espera-se que o surdo, em sua busca por saúde, receba um atendimento digno, acolhimento, relações solidárias e de confiança, de modo que esse auxílio possa contribuir com a sua qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Camila Crisse Justino de *et al.* **Consulta de enfermagem às pessoas surdas: uma análise contextual.** Curso de Graduação em Enfermagem, Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – Campina Grande (PB), Brasil. 2015.

ARAGÃO, Jamilly da Silva *et al.* **Acesso e comunicação de adultos surdos: uma voz silenciada nos serviços de saúde.** Revista de Pesquisa Cuidado é fundamental Online. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. 2014.

ARAGÃO, Jamilly da Silva *et al.* **Um estudo da validade de conteúdo de sinais, sintomas e doenças/ agravos em saúde expressos em LIBRAS.** Rev. Latino-Am. Enfermagem nov.-dez. 2015.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais.** Brasília: UNESCO; 1994.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002- **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais- Libras e dá outras providências.** Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Poder Legislativo, Brasília, DF, 25 abril. 2002. p. 23

BOTELHO, J. M.; CRUZ, V. A. G da. **Metodologia Científica.** São Paulo: Pearson Education do Brasil. 2013.

BRITTO. F da R.; SAMPERIZ, M. M. F. **Dificuldades de comunicação e estratégias utilizadas pelos enfermeiros e sua equipe na assistência ao deficiente auditivo.** Hospital Israelita Albert Einstein – HIAE, São Paulo (SP), Brasil, 2010.

CHAVEIRO, Neuma *et al.* **Atendimento à pessoa surda que utiliza a língua de sinais, na perspectiva do profissional da saúde.** Cogitare Enferm. 2010 Out/Dez.

CHAVEIRO, N.; BARBOSA, M. A.; PORTO, C, C. **Revisão de Literatura sobre o atendimento ao paciente surdo pelos profissionais de saúde.** Rev Esc Enferm USP, 2008.

COSTA, Amanda de Andrade *et al.* **Acolher e escutar o silêncio: o cuidado de enfermagem sob a ótica da mulher surda durante a gestação, parto e puerpério.** Rev Fund Care Online. 2018 jan./mar.

DINIZ, C. R.; SILVA, I. B da. **Tipos de métodos e sua aplicação. Metodologia científica.** Programa Universidade a Distância. Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN - EDUEP, 2008. 21. ed.

FRANÇA, Eurípedes Gil de *et al.* **Dificuldades de Profissionais na Atenção à Saúde da Pessoa com Surdez Severa.** Ciência y Enfermería XXII, 2016.

FRANCISQUETI, Verônica *et al.* **Sentimentos da equipe de enfermagem ao atender um paciente com deficiência auditiva: desafios do cuidado.** Universidade Estadual do Paraná. Revista Educação Artes e Inclusão. Volume 13, Nº 3, Set./ Dez, 2017.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa? : Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Série Educação a Distância.** 1ª edição: 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010. [Internet] 2010. Disponível em:** <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/>. Acesso em: 12 jul. 2019.

MAGRINI, A. M.; SANTOS, T. M. M. **Comunicação entre funcionários de uma unidade de saúde e pacientes surdos: um problema?** Distúrb Comun, São Paulo, setembro, 2014.

MARQUETE, V.F.; COSTA, M. A. R.; TESTON, E. F. **Comunicação com deficientes auditivos na ótica de profissionais de saúde.** Rev baiana enferm. 2018.

MINAYO Maria Cecília de Souza. **Construção dos Instrumentos e Exploração de Campo. O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde.** São Paulo: Hucitec; 2007. P. 189-199.

MIRANDA, R. S.; SHUBERT, C. O.; MACHADO, W. C. A. **A comunicação com pessoas com deficiência auditiva: uma revisão integrativa.** Revista de Pesquisa Cuidado é fundamental Online . Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro out./dez, 2014.

MOTA, Paola Rodrigues. **Inclusão: o sujeito surdo na sociedade brasileira.** CINTED Congresso Internacional de Educação e Inclusão. Práticas Pedagógicas, Direitos Humanos e Interculturalidade. 2014.

MORI, N.; SANDER, R. E. **História da educação dos surdos no Brasil.** Seminário de Pesquisa da PPE. Universidade Estadual de Maringá 02 a 04 de Dezembro de 2015.

MONTEIRO, Mirna Sarleno. **História dos movimentos dos surdos e o reconhecimento da Libras no Brasil. Relato de experiência Grupo de Estudos e Subjetividade.** ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.292-302, jun. 2006.

MOVIMENTO pela inclusão social dos surdos ganha força em Irecê. **Cultura&Realidade.** Irecê 27 de Setembro de 2017 (atualizado 18/Jun/2018). Disponível em: <http://culturaerealidade.com.br/noticia/movimento-pela-inclusao-social-dos-surdos-ganha-forca-em-irece-4128>. Acesso em: 20 de dez. de 2019.

NÓBREGA, J. D.; MUNGUBA, M.C.; PONTES, R. J. S. **Atenção à Saúde e Surdez: Desafios para Implantação da Rede de Cuidados à Pessoa com Deficiência.** Rev Bras Promoç Saúde, Fortaleza, jul./set., 2017.

OLIVEIRA, Cistiane da Sousa Silva de *et al.* **Saúde e surdez: limites, possibilidades e desafios.** IV Jornada Internacional de Políticas Públicas. Neoliberalismo e Lutas Sociais: Perspectivas para as políticas públicas. 2009.

OYAMA, S. M. R.; TERCEIRO, F. A. B. M.; PARAZZI, L. C. **Comunicação do Enfermeiro Docente na Assistência a Pessoas Cegas e Surdas.** CuidArt. Enfermagem. jan.-jun 2017.

PAGLIUCA, L. M. F.; FIÚZA, N. L. G.; REBOUÇAS, C. B, de A. **Aspectos da comunicação da enfermeira com o deficiente auditivo.** Rev Esc Enferm USP 2007.

RIBEIRO, Maria Clara Maciel de Araújo. **Considerações sobre a relação dos surdos com a linguagem: dos primórdios à contemporaneidade.** Unimontes Científica, 2011.

RICHARDSON, K. J. **Deaf culture: Competencies and best practices.** The Nurse Practitioner: May 12th, 2014 - Volume 39 - Issue 5 - p 20–28.

RODRIGUES, S. C.M.; DAMIÃO, G. C. **Ambiente Virtual: auxílio ao atendimento de enfermagem para surdos com base no protocolo de Atenção Básica.** Rev Esc Enferm USP 2014; www.ee.usp.br/reeusp/.

SAGÁRIO, J.; GOMES, M. P. V.; BOTELHO, M. P. J. **Uma proposta para melhorar a comunicação entre profissionais de odontologia e o paciente surdo.** Anais Eletrônico VI Mostra Interna de Trabalhos de Iniciação Científica. 23 a 26 de outubro de 2012.

SANCHES, Isline Carizia Borges et al. **O Papel do Enfermeiro Frente ao Paciente Surdo.** Rev enferm UFPE on line., Recife, mar, 2019.

SILVA, P. S da.; BASSO, N. A. de S.; FERNANDES, S. R. C. M. **A enfermagem e a utilização da língua brasileira de sinais no atendimento ao deficiente auditivo.** Revista UNINGÁ Review. Vol.17,n.1,pp.05-12 (Jan - Mar 2014).

SILVA. Lucia Palú da. **Manual de orientação de práticas interventivas no contexto educacional para professores do ensino fundamental.** Programa de desenvolvimento educacional – PDE Mandirituba 2008.

SILVA, I. R.; KAUCHAKJE, S.; GESUELI, Z. M. **Cidadania, Surdez e Linguagem: Desafios e realidades** – São Paulo : Plexus Editora, 3ª edição, 2003.

SOARES Imaculada Pereira *et al.* **Como eu falo com você? A comunicação do enfermeiro com o usuário surdo.** Rev baiana enferm. 2018.

TEDESCO, J dos R.; JUNGES, J. R. **Desafios da prática do acolhimento de surdos na atenção primária.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, ago, 2013.